



ESCOLA PADRE SCHÜLLER – FRAGMENTOS ICONOGRÁFICOS.

Tânia Bernadete Serafim Burigo

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

burigo@engeplus.com.br

Paulo Rômulo de Oliveira Frota

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

prf@unesc.net

RESUMO

O Grupo Escolar Padre Schuller de que trata esta comunicação situa-se no município de Cocal do Sul, antiga Colônia Accioly Vasconcelos e foi pensada por uma equipe de lideranças da comunidade, como uma saída para a melhoria educacional de seus filhos, por volta de 1929. Levantados os fundos, comprado o terreno, com a participação de autoridades e do povo em geral, a pedra fundamental foi lançada a 14 de março de 1932 e a inauguração se deu em 10 de outubro de 1932. Com o nome de Padre Schüller, o Cônego João Dominoni batizou a escola recém construída. O Grupo escolar serviu a comunidade de Cocal do Sul, consolidando-se como educandário modelo nas três primeiras décadas de sua existência. O professor Pe Schüller nasceu em 28 de novembro de 1855 na região da Baviera, na cidade de Zweibrücken, Alemanha. Fez os primeiros estudos na sua própria cidade natal, estudando posteriormente na Holanda em razão do exílio. Em 1879 veio para o Brasil e iniciou seus trabalhos na cidade de São Leopoldo/RS e estendeu suas atividades em outras cidades da Região Sul. Sua principal obra no Brasil foi realizada em Florianópolis, quando fundou a escola Diocesana de São José, escola para crianças pobres reconhecida pelo governo catarinense como grupo escolar. Suas contribuições educativas, a religiosidade, o apelo moral, a disciplina rígida, dentre outras perduram na memória da cidade. Verificamos que em determinada época, as relações disciplinares e pedagógicas se estendiam além dos muros da escola, indo a praça pública, à Igreja e demais espaços da localidade, controlando a vida de todos, professores e alunos. Apresenta-se um conjunto de fotografias antigas de fatos que marcaram a história do colégio e da cidade de Cocal do Sul.

Palavras-chave: educação escolar; história da educação; educação em Santa Catarina.



INTRODUÇÃO

A pesquisa de onde este artigo se deriva buscou fazer um estudo histórico do Grupo Escolar Professor Padre Schüller, localizado no município catarinense de Cocal do Sul, a partir do resgate da história dessa escola. Utilizou para isso a iconografia, fontes secundárias de dados, documentos escolares e entrevistas colhidas de pessoas que, de uma ou outra forma, viveram os primeiros dias da fundação, instalação e consolidação do grupo analisado.

Para tanto, foram reconstituídas e organizadas a memória e a história do colégio, entrelaçadas com a vida de antigos moradores, professores e alunos que, além de depoimentos, passaram-nos um acervo fotográfico de momentos marcantes vividos naquele estabelecimento, os quais tiveram os depoentes como testemunhas. Neste particular, privilegiaremos, nesta comunicação, flechas no tempo que iluminam acontecimentos e práticas escolares a partir das fotos gentilmente repassadas. Esse material mostra momentos congelados da lembrança de vida os quais, no passado, ajudaram a fazer a história. Tais fatos analisados hoje nos ajudam a entendermos melhor o presente e o futuro de todos aqueles que viveram esta epopéia.

Em muitos trabalhos relativos à educação, as fotografias servem de destaques (SANTOS, 2001; BRAGA, 2008). Todavia ainda não temos, na tradição da história da pesquisa educacional, uma metodologia firmada para o uso de fotografias como instrumento de pesquisa. Esta, portanto, é uma primeira aproximação do grupo de pesquisa em utilizar a fotografia como instrumental.

Na psicologia, entretanto, há muito se utiliza a fotografia como instrumento de pesquisa. Willems (1890), quando afirmou que o significado das palavras eram imagens sensoriais trazidas à consciência, possibilitou um forte elo entre a fotografia e a pesquisa, buscando atribuir significados às imagens. Isso facilitou ao pesquisador a compreensão da expressão verbal de determinados temas.

Analisando a literatura a respeito do uso da fotografia na pesquisa psicológica, Koeller e Silva (2002, p.3) listam quatro funções principais para a fotografia nas pesquisas:



A primeira delas é a função de registro, na qual a fotografia tem o papel de documentar determinada ocorrência. O que importa é apenas o conteúdo presente em cada uma das fotos ou no conjunto delas (...) A segunda, a fotografia desempenha a função de modelo. São apresentadas fotos que enfocam determinado tema, normalmente relacionado com o objeto de estudo, mas que não retratam os próprios participantes (...) A terceira função da fotografia na pesquisa é denominada autofotográfica. Cada participante é solicitado a tirar determinado número de fotos na tentativa de responder a uma questão específica (...) Na quarta função, a fotografia é usada como um instrumento de *feedback* aos participantes da pesquisa. Na maioria destes casos, as pessoas são anteriormente avaliadas em determinado aspecto, como por exemplo, em algum traço de personalidade.

Verifica-se que o uso da fotografia é antigo em função de sua existência e, ao mesmo tempo, recente, pelo fato de sofrer modificações pela tecnologia a cada dia. Se no começo a fotografia era vista como um processo técnico, manual, artesanal e até artístico, sofisticou-se até atingir a tecnologia digital.

Segundo Oliveira (2008), a fotografia teve início por volta de 1558 com a descrição da *câmara escura* por Giovane Baptista Della Porta, mas, foi em 1827 que tivemos o primeiro registro de imagens feitas por J. Niépce, com a utilização do que ele denominou de *heliografia*.

Em um artigo intitulado *A Filosofia da caixa preta*, Flusser (2002) cunhou um pensamento que vale a pena resgatar: as imagens (fotográficas) são mediações entre o homem e o mundo, sendo que essas representam o mundo que não lhe é acessível imediatamente. Assim, o homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. No presente ensaio, pretendemos utilizar a fotografia, não para viver, mas re-viver alguns momentos da história da escola Padre Schüller, a partir do registro iconográfico reunido ao longo da execução deste trabalho.

Vale lembrar que a fotografia, quando usada como registro da escola, para imortalizar atividades e momentos históricos da vida da instituição – uma formatura, uma inauguração, uma festa – constitui-se em um testemunho. Esconde ou revela, conforme o olhar, muito das sutilezas, dos costumes e das personalidades do



envolvidos. Ao analisar uma fotografia antiga, somos capazes de recriar detalhes da vida cotidiana de antanho – sapatos, vestuário, adereços, móveis, interiores - como se houvesse, na fotografia, uma descrição dos ambientes e das pessoas congeladas no fato documental.

Peixoto (2004), lembra-nos que o passado não está apaziguado. As promessas de futuro, convertido em pretérito, não feneceram definitivamente. Essas situações, aparentemente mortas, são atravessadas por um rumor interior. Possuem as entranhas revoltas, um lençol freático as anima. Daí seu estado de convulsão.

A utilização da fotografia na pesquisa histórica, seja como instrumento de captação, seja como objeto de estudo, passa pela seguinte questão: trabalhar com a imagem e, também, com o exercício do olhar que se expande. Dessa forma, utiliza-se a fotografia como possibilidades de potencialização do pensamento o qual está além daquilo que a imagem encerra.

O CONTEXTO HISTÓRICO

Por volta de 1885, instala-se no sul de Santa Catarina o Núcleo colonial Accioly de Vasconcelos, com a participação de cento e cinquenta famílias de imigrantes, totalizando quatrocentos e vinte e dois habitantes. Inicialmente, a região foi colonizada por italianos e poloneses e, mais tarde, segundo De Fáveri e Souza (2006, p. 74), “por alemães e brasileiros”. Esta colônia evoluiu e mudou de nome para Rio Cocal, por força do senso comum e em função de vastos coqueirais.

No início da colonização, a educação na colônia foi deficitária e só funcionou graças à vontade de algumas pessoas que contrataram professores particulares como os mestres David Raspini e Eugênio Rosso. Esses educadores como tantos outros foram os desbravadores das consciências adormecidas das pequenas povoações instaladas por toda a região sul do país.

Willems (1980) destaca a figura do professor “particular” e os porquês de sua escolha uma vez que o poder público nem sempre chegou efetivamente àqueles rincões. Geralmente eram pessoas que não podiam ou não queriam fazer as tarefas da lida diária – trabalhar na roça – ou por outra, pessoas de razoável ilustração que se dedicavam realmente àquele mister. Esses últimos gozavam de real prestígio no



seio da comunidades, pois eram os que sabiam ler, escrever, pensar, criticar ou redigir um documento.

Assim também aconteceu em Rio Cocal, futura Cocal do Sul a qual seguiu a tradição das escolas teuto-brasileiras instaladas no sul do país e bem descritas no estudo de Schaden (1963). No artigo, o autor tipifica tais instituições como somente para o ensino primário. Essas eram fundadas por iniciativa de alguns pais e serviram de base a outros empreendimentos escolares, que com o tempo, desapareciam ou não. Esses educandários viveram o período da ambiguidade do conflito cultural do imigrante – tradição versus assimilação da cultura e eram solidários aos conflitos internos da comunidade.

Em seguida, vieram as escolas estaduais, com a separação dos alunos das alunas, numa rigorosa divisão por gênero, a ponto de existir um colégio masculino e outro feminino, embora ambos possuíssem professoras.



Figura 01: Escola Pública “Secção Feminina” de Cocal do Sul, em 1927.

Fonte: Acervo particular do senhor Venicius Burigo.

Neste estabelecimento, lecionou a Professora Francisca Martins de Oliveira Búrigo (1927), uma das educadoras mais antigas de Cocal do Sul. Era filha de João Albino de Oliveira e Maria Inocência Martins de Oliveira e esposa de Zeferino Búrigo.

É possível observar que as crianças tinham as mais variadas idades.



Conforme relato dos estudantes, as aulas de todas as séries do sistema de ensino ocorriam na mesma sala e horário. A professora atendia às alunas, aplicava-lhes atividades no quadro, corrigia exercícios, contas e *tomava-lhes os pontos*. Dona “Chiquinha”, como era conhecida, editou um livro de conhecimentos gerais, intitulado *Noções de Geographia, Grammatica, Hygiene, História do Brasil e Santa Catharina*, utilizado pelos alunos das escolas públicas do município.

O GRUPO ESCOLAR PROFESSOR PADRE SCHÜLLER

No ano de 1929, um grupo de cidadãos, sentindo necessidade de implantação de uma escola que oferecesse mais condições estruturais e físicas ao ensino na comunidade, formou uma comissão para estudar e levantar verbas para tal construção.

A comissão foi constituída pelos senhores: Padre Francisco Chylinski, Zeferino Búrigo, José Peruchi, Luiz Búrigo e Antônio Nunes de Souza, a qual iniciou o levantamento de verbas para a compra do terreno e o início da construção. Com ajuda da comunidade e com recursos do Governo do Estado, após estudos, adquiriram o terreno para a edificação da escola, o qual media três mil metros quadrados.

Em 14 de março de 1932, contando com a presença de autoridades locais e membros da comunidade, o senhor Ângelo Peruchi, presidente da comissão e demais membros, fizeram o lançamento da pedra fundamental do Grupo Escolar Professor Padre Schüller. O ato inaugural aconteceu no dia 10 de outubro de 1933 com uma grande festa ocorrida na comunidade, inclusive com a presença do Inspetor Escolar Humberto Hoffmann.

Naquela oportunidade, os alunos das escolas isoladas foram apresentados à nova escola e ao grupo de professoras: Helena Alves Caminha, Jovan Moraes, Iná Souza, Eduarda Pereira e Elmira de Lima Ferreira (irmã Maria das Graças), todas vindas da capital e formadas para lecionar. Como diretora, foi nomeada a professora Flóscula de Queiroz Santos.



Figura 02: Inauguração da Escola Padre Schüller (1933): as professoras e um grupo de alunos.

Fonte: Acervo particular do senhor Venicius Burigo.

QUEM ERA O HOMENAGEADO?

O professor Pe. Aloisio Luiz Schüller nasceu em 28 de novembro de 1855, na região da Baviera, no município de Zweibrücken (Alemanha). Fez seus primeiros estudos na sua cidade natal e, em seu currículo, foi considerado um devoto homem da Igreja. Estudou humanidades, retórica e filosofia enquanto estava exilado na Holanda. Em 1879, veio para o Brasil. Chegou pelo Rio Grande do Sul e começou a trabalhar na cidade de São Leopoldo como professor de filosofia e matemática.

Retornou, em 1884, à Europa para estudar Teologia na Inglaterra e, em 1889, voltou ao Brasil. Após essa data, trabalhou em São Leopoldo, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre e Florianópolis.

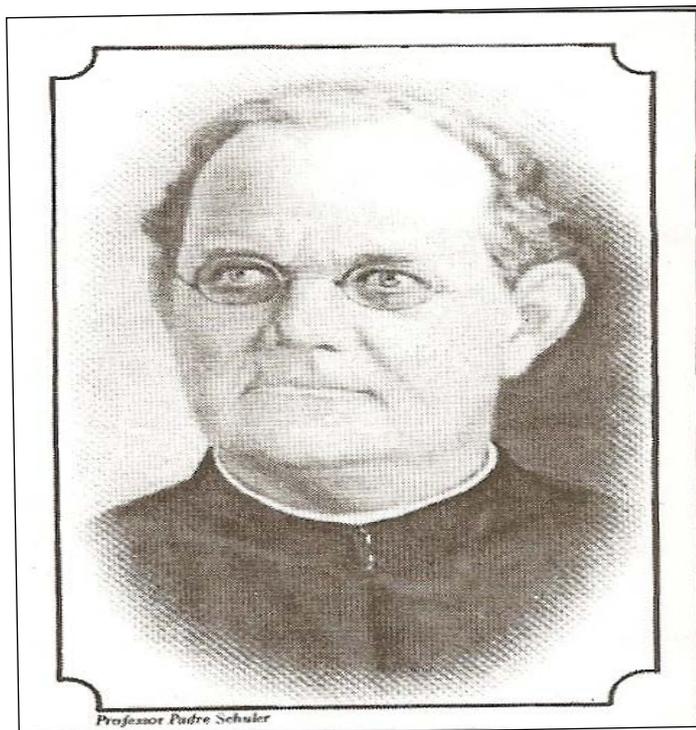


Figura 03: Pe. Aloisio Schüller
Fonte: Acervo Venicius Burigo.

A principal obra de Schüller, no Brasil, foi realizada na cidade de Florianópolis, quando fundou a escola Diocesana de São José, educandário para crianças pobres e reconhecido pelo governo catarinense como grupo escolar.

Nosso personagem foi além de professor, escritor. Produziu livros didáticos de matemática e o livro religioso chamado de *Meu Tesourinho*. Sofria de asma, faleceu em 19/03/1925, dia consagrado a São José, e foi sepultado em Florianópolis, no Cemitério Público, com a presença de autoridades e do Governador do Estado, Pereira Oliveira.

INFLUÊNCIA RELIGIOSA

Na comunidade de Cocal do Sul, a religião católica é predominante desde o início da colonização do local. Segundo De Fáveri e Souza (2006, p. 117), “os imigrantes italianos e poloneses chegaram a ficar sem dialogar, mesmo com a mesma crença religiosa, porque não comungavam de certos rituais e costumes.



Tanto que existiam duas igrejas católicas: uma italiana e uma polonesa”.

A religião católica sempre foi marcante no Grupo Escolar Professor Padre Schüller, mesmo antes da vinda das Irmãs de Santa Catarina. O povo da cidade era muito católico, por isso os professores da escola seguiam a religião e ensinavam aos alunos os preceitos do catolicismo. Segundo os moradores antigos, a religiosidade era muito acentuada e a obediência às autoridades religiosas também.

No ano de 1950, chegaram, ao Distrito de Cocal, as irmãs da Congregação de Santa Catarina, por iniciativa e pedidos do Cônego João Dominoni, para integrar a equipe do colégio e atender às obras de caridade. Conforme determinação da Madre Superiora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, Irmã Hildegardes, as irmãs Leonis e Júlia seriam professora (a última chegou a ser, mais tarde, diretora do Grupo Escolar Professor Padre Schüller) e Agatônia seria encarregada do ambulatório médico gratuito além de auxiliar do canto da igreja.

O aumento da população exigiu a vinda de novas irmãs e, conseqüentemente, construíram sua sede própria onde também funcionava um colégio interno para juvenistas, local em que moças eram preparadas para a vocação religiosa.

Como relatam De Fáveri e Souza (2006, p. 145), “várias moças da comunidade assumiram a vida religiosa, entre elas: irmã Regina Galatto, irmã Terezinha Galatto, irmã Gaudete Savi e irmã Graciosa Ferro”.



Figura 04: O corpo docente do Grupo Escolar, em 1953.

Fonte: Acervo particular de Venícios Búrigo

A foto mostra a composição do corpo docente do Grupo Escolar Professor Padre Schüller em 1953. Sentados, na primeira fila, Professor João Dajori e as irmãs da Congregação de Santa Catarina: Leonie, Júlia e Cândida. De pé, segunda fila, professoras Zilda Búrigo, Maria de Lourdes Mariotti, Anita Cechinel, Rosa Maria Búrigo, Lindemar Zanellato, Cecília Slovinski .

Analisando a foto 04, podemos demonstrar algumas das situações que ela esconde/mostra para a compreensão do fato histórico. Pelos trajes, qualidade e austeridade das pessoas fotografadas, percebem-se o grau de comprometimento com a sociedade, o peso da representação social da igreja e o valor que a sociedade atribui à educação, à escola e à educabilidade. A pose compenetrada dos dois segmentos – freiras e professor, pode aquilatar o prestígio social da profissão naquela comunidade.

Dentre os vários trabalhos realizados pelas irmãs de Santa Catarina, naquela comunidade, um dos mais importantes era a preparação para a Primeira Eucaristia. Segundo relato de um entrevistado:



Nós éramos obrigados a ir à missa aos domingos. Primeiro por nossos pais, depois pelas freiras da escola. Saíamos de casa, em jejum, pois naquela época para receber a comunhão tinha que ser em jejum. Já éramos orientados pelos pais quanto ao comportamento. Quando chegávamos na igreja, éramos colocados num lugar reservado para as crianças, onde as freiras tomavam conta. Após a missa, os alunos maiores tinham que ficar para a aula da doutrina, que era uma preparação para a primeira comunhão. Muitos alunos e colegas meus desmaiavam de fome. Depois vinham as intermináveis confissões. Lembro que íamos embora bem próximo do meio-dia. O domingo de manhã era considerado uma tortura para mim e para muitos.¹

A este propósito, encontramos dois registros sobre a comunhão aludida.

As fotografias das Primeiras Comunhões encontradas no acervo particular e no da escola possuem um número expressivo de crianças e são sempre separadas por sexo. Esse fato é observado nas fotografias até, por volta de 1975.



Figura 05: Primeira Comunhão das meninas, em 1961.

Fonte: Acervo particular do senhor Venícios Búrigo.

¹ Ivan Renato Búrigo, ex-aluno – entrevista em 20 de fevereiro de 2007.



As fotos separadas por gênero a que tivemos acesso coincidem com a data da transferência das freiras da congregação de Santa Catarina para a comunidade de Cocal do Sul.

Observe-se, nesse material, o poder tácito e vigilante das freiras, sobre os alunos, em função das posições que elas ocupam nas fotos. Elas fecham as fileiras e controlam o que se passava naquela oportunidade. Essa situação revelada pela foto se estende para dentro e para fora da escola, onde os tentáculos da igreja controlam as vidas dos habitantes das pequenas comunidades.



Figura 06: Primeira Comunhão dos meninos, em 1961.

Fonte: Acervo particular do senhor Venícios Búrigo.

Observa-se, na foto acima, um fato curioso – a presença de quatro meninas no ato religioso que deveria ser só para meninos. De certa forma, estão ali representando os anjos que prestigiarão aquela solenidade. Nota-se, também, um menino de calça comprida, algo destoante para a época em que os garotos usavam a calça curta – uma espécie de $\frac{3}{4}$ da calça comprida, cujo comprimento era por volta da altura do joelho.



Vale notar que as imagens, nessas situações, são mais importantes que muitas palavras: “A fotografia é um componente de uma intrincada rede de significações que revela pistas através da produção de imagem. A imagem possui um caráter conotativo que nos leva aos modos de ser e de agir do contexto no qual estão inseridos como mensagem” (ANDRADE, 1990, p. 2).

O NACIONALISMO

O nacionalismo foi uma característica marcante desde a época da fundação do educandário pesquisado. A escola, como instituição social privilegiada, servia de ponto desencadeador e disseminador da ideologia dominante. De lá, partiam para a sociedade as práticas nacionalistas, através das festas e desfiles promovidos.

Em decorrência do decreto-lei n. 259, de 1 de outubro de 1936, o canto do Hino Nacional foi tornado obrigatório nos estabelecimentos de ensino e nas associações de fins educacionais. Na escola, desenvolveram-se essas e outras práticas sociais de controle, as quais tinham como objetivo principal ensinar, controlar, reprimir e disciplinar os alunos daquela época.

A disciplina, como ocorre nos ambientes escolares, constitui um modo de vigilância e observação constantes, não só pela distribuição das dependências físicas como também pela organização em classes e organização dos espaços. É nesse ambiente fechado e vigiado que se buscavam garantir a obediência e a economia do tempo nas atividades. Naquele período era ensinado ao docente, nos cursos de formação, que tivesse um olhar apurado e vigilante sobre os alunos, fato o qual faz lembrar o *vigiar e punir* de Foucault (2003).

Assim, cumprindo o papel reforçador das práticas dominantes, semanalmente, com todos os alunos perfilados no pátio, acontecia o hasteamento à bandeira com canto do Hino Nacional Brasileiro e o Hino à Bandeira, além de leituras de textos referentes à pátria e poesias elaboradas pelos próprios alunos.



Figura 07: Alunos, perfilados em função da altura, diante do Grupo escolar, em manhã festiva, sob a vigilância dos Professores. À frente, o Pavilhão Nacional e sua guarda.

Fonte: Acervo particular do senhor Venícios Búrigo.

Há que se fazer menção aos fortes regimes políticos que tivemos, a partir de Getúlio Vargas e todas as transformações sofridas pela sociedade mundial ao longo dos anos em que o colégio nasceu e floresceu. Portanto, não consultamos apenas as fotografias, pois algumas entrevistas foram necessárias para se entender o passado.

Quando perguntamos aos nossos entrevistados sobre as lembranças da escola, a grande maioria relatou sobre o nacionalismo, o amor e o respeito à pátria:

Toda segunda-feira antes da aula, havia o hasteamento da bandeira onde era cantado o Hino Nacional. Aos sábados, havia outro hasteamento e era cantado o Hino à Bandeira. Todas as datas comemorativas eram homenageadas com cantos alusivos e poesias.(...)Assim que começava o segundo semestre, depois das férias, começávamos a ensaiar para marchar. Quase afundávamos a rua de tanto ensaiar. Primeiro ensaiávamos na escola, nas aulas de educação física e, depois, saíamos para a rua. Muitas vezes, o calor era insuportável. As professoras pegavam no braço, muitas vezes com violência, para que não errássemos o passo.²



Figura 08: Alunos do Grupo Escolar Professor Padre Schüller, em desfile de 7 de setembro. Fonte: Acervo particular do senhor Venícios Burigo.

Os ex-alunos e ex-professores contam, com saudosismo, a época em que lá estudaram e, principalmente, quando se referem ao civismo: “Havia muito mais civismo naquela época, onde era cantado o Hino Nacional sempre antes de entrar na sala de aula”.²

Sobre esse tipo de lembrança que demonstra um certo saudosismo, Halbwachs (2006, p.51), destaca:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais freqüentemente em contato com ele.

A escola procura aperfeiçoar-se no decorrer dos anos, entretanto não deixa de sujeitar os indivíduos à realidade praticada na instituição educacional. O discurso é democrático e apresenta a formação de um cidadão crítico, porém a prática é,

² Aleir Correa Oliveira, ex-aluno do Grupo Escolar Professor Padre Schüller – entrevistado em 30 de março de 2007.



muitas vezes, sustentada na disciplina a qual gera a fabricação do indivíduo moderno, mas, às vezes, impedido do acesso ao progresso cultural e social. Assim, o Grupo Escolar Professor Padre Schüller atravessou o tempo e chega hoje a fazer parte da história de Cocal do Sul, trazendo a luz que resgata os prisioneiros da caverna platônica.

COMO CONCLUIR?

Esta história não tem um fim nestes acontecimentos aqui relatados. Muitas são ainda as lembranças a serem resgatadas das fotografias existentes no acervo. Este recorte nos mostra que as primeiras décadas do Grupo Escolar Professor Padre Schüller foram marcadas como um espaço de rígido controle, perfeitamente descrito pela corrente da educação crítica, que teve como expoentes franceses como Althusser (1980), Passeron e Bourdieu (1975) e Foucault (2003).

Dentro deste quadro, as pessoas podem ser analisadas, vigiadas, adestradas, corrigidas, punidas e classificadas. A transformação da escola em um ambiente punitivo, rigoroso, a qual busca formar indivíduos ordeiros, tementes a Deus e ao Estado, na perspectiva de contornar a marginalidade e executar a reprodução, foi e, de certa forma ainda é, uma das funções dessa instituição social. E durante o período da vigência do Grupo pesquisado, essa situação não poderia ter sido diferente para a população de Cocal do Sul (SC), naquela época....

Olhar hoje as fotografias de 60 anos passados, analisar o olhar dos protagonistas desta epopéia – criação, consolidação da escola e formação da sociedade cocalense daquele período – a partir das fotos, permite-nos avaliar parte da história daquelas construções, homens e mulheres além de compreender suas atitudes, escolhas e seus atos.

Como colocamos no início, a educação ainda não possui um paradigma de uso da fotografia como instrumento de pesquisa. Ainda estamos muito distantes da Psicologia a qual já possui vários usos consolidados como aqui ficou relatado. Finalizamos esta comunicação com um trecho de Burgess, Enzle E Morry (2000). Nele afirma-se que, quando uma pessoa direciona a câmera fotográfica para determinado objeto, símbolo, evento, indivíduo ou lugar e capta uma imagem



através da fotografia, naquele instante, essa pessoa mostra algo de si. Isso ocorre, pois, ao fotografar, realiza importante evento social o qual pode afetar, inclusive, aqueles que estão diante da câmera.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ANDRADE, Ana Maria Mauad. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX**. Niterói: UFF, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAGA, M.A. Grupo escolar Dr Celso Bastos – memória escolar e da cidade. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Santos, 2008.

BURGUESS, M.; ENZLE, M. E.; MORRY, M. (2000). The social psychological power of photography: Can the image-freezing machine make something of nothing? *European Journal of Social Psychology*, 30, 613-630.

DE FÁVERI, Hylário Ernesto; SOUZA, João Carlos de Pellegrin. **Cocal do Sul: um mergulho em sua história**. Cocal do Sul – SC: Grafiper, 2006.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Material Escolar, 1978.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução Elementar no Século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e GREIVE, Cynthia. **500 anos de educação no Brasil**. Belo horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-150.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Pesquisa, Memória e Documentação: Desafios de Novas tecnologias. In: LEAL, Maria Cristina e PIMENTEL, Marília Araújo Lima. **História e memória da escola nova**. São Paulo: Loyola, 2003.

FERREIRA, B.R. **Memória e esquecimento: a utilização da fotografia na pesquisa e narrativa da paisagem urbana a partir da ruína de suas casas**. Disponível em <



<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Beatriz%20Rodrigues%20Ferreira.pdf>>. Acesso em 13 de maio de 2009.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história das violências nas prisões. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Velhos militantes**: depoimentos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOLLER, S.H.; SILVA, L.N.O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. In. Estud. psicol. (Natal) vol.7 no.2 Natal July/Dec. 2002

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. 3.ed. São Paulo, 2001.

PASSERON, Jean Claude; BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.

PEIXOTO, N.B. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC, 2004.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, vol.1, nº 2. 1996. p. 59 - 72.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola**. São Paulo: Cortez, 1985.

SANTOS, Selma F. dos. Memórias, história de vida, imagens... In: ALVES, Nilda e SGARBI, Paulo (org). **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SAVIANI, Dermaival. **Escola e democracia**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SCHADEN, E.Aspectos históricos e sociológicos da escola rural teuto-brasileira. In: Faculdade de filosofia da UFRG I colóquio de estudos teuto-brasileiros.Porto Alegre, 1963

SCHULTZ, Theodore W. **O capital humano**: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

THOMPSON, Paul; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **A voz do passado**: história oral. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.



WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, INL, 1980.